

A Lamentável Falta de Sensibilidade Literária na Interpretação Bíblica Adventista do Sétimo Dia

Laurence A. Turner

Introdução

Neste capítulo, irei investigar um aspecto específico dos estudos acadêmicos atuais na Igreja Adventista do Sétimo Dia e suas implicações para a missão da igreja. Gostaria de iniciar com uma observação fundamental sobre a natureza da Bíblia. As Escrituras não constituem uma obra filosófica e teológica estruturada de forma lógica e sistemática; tampouco é um livro didático de história convencional. A Bíblia, de modo geral, é uma obra literária, ou melhor dizendo, uma coleção de obras literárias. Por exemplo, pode-se encontrar uma grande quantidade de poesia no Livro de Salmos, nos profetas, em Jó, e assim por diante. Contudo, mesmo porções mais amplas das Escrituras se encontram no estilo narrativo; de fato, o relato de histórias representa a forma discursiva predominante no Antigo Testamento. O estilo narrativo é o principal utilizado de Gênesis a 2 Reis, o mesmo podendo ser dito de Ester, Jonas, Esdras, Neemias, 1 e 2 Crônicas, bem como partes de outros livros como Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. O Antigo Testamento tem uma *história* a contar, e, para narrá-la adequadamente, ele faz uso de todo um arsenal de recursos da arte narrativa hebraica. Além disso, bem mais que a metade do Novo Testamento é composta de narrativas encontradas nos quatro evangelhos e em Atos dos Apóstolos.

Evidentemente, as amplas categorias de poesia e prosa narrativa não esgotam os gêneros literários encontrados na Bíblia. Por exemplo, a Bíblia contém seções de leis, apesar de estarem inseridas num contexto narrativo; e espalhados aqui e ali encontram-se apresentações de questões ou declarações teológicas abstratas, como no livro de Eclesiastes e Romanos. Contudo, considerando a Bíblia como um todo, esses exemplos desempenham um papel

secundário em comparação com os blocos literários nitidamente poéticos e narrativos.

Neste capítulo, delimitarei minha análise à narrativa veterotestamentária, embora minhas considerações possam ser aplicadas, em princípio, a outros gêneros literários. A proeminência de narrativa na Bíblia não deveria nos surpreender, pois a maior parte dela é fruto da mente hebraica/semítica. Vale ressaltar que a forma discursiva predominante no antigo Israel e no judaísmo do 1º século empregada para transmitir questões de suprema importância era a narrativa. Foi precisamente isso que Jesus fez em Suas parábolas, simplesmente dando continuidade à tradição do Antigo Testamento, que explorava o poder das histórias.

Este é o tipo de Bíblia que Deus achou por bem nos dar. Se quisermos ser coerentes com esse tipo de Bíblia, portanto, precisamos lê-la de tal forma que se faça justiça a suas histórias. Assim, embora haja diferentes maneiras de estudar as Escrituras, um elemento que não pode faltar precisa ser a *sensibilidade* do pesquisador à *criatividade literária* [*literary imagination*] do escritor bíblico. Poderíamos sistematizar muitas maneiras de estudar a Bíblia segundo essa perspectiva. Neste capítulo, porém, vamos nos concentrar no criticismo narrativo bíblico. Trata-se de uma abordagem ampla, mas, de modo geral, esse campo de investigação vê o texto como uma obra de arte, colocando em primeiro plano elementos centrais como o enredo e o elenco de personagens. Outros elementos frequentemente explorados abrangem a intertextualidade (como uma narrativa pode ser o eco de outra), jogo de palavras, polissemia - ou versatilidade de significados [*multivalence*], por meio da qual o narrador trabalha criativamente com uma palavra ou frase, dando-lhes mais de um significado; a ambiguidade, a ironia e a repetição, só para mencionar alguns. Nenhum desses recursos constitui um fim em si mesmos, mas, quando investigados, procura-se chegar ao âmago de uma história escrita para ser entendida como história. Essa explicação breve e parcial do criticismo narrativo nos parece suficiente para mostrar os aspectos que ele enfatiza, embora na prática ele se torne muito variado e seja explorado por diferentes eruditos da área com outros focos, que não serão mencionados neste trabalho.

Os últimos 25 anos têm presenciado um aumento significativo no interesse pelo estudo literário da Bíblia, especialmente suas narrativas. Todavia, se seu espectro de leitura se limita a autores adventistas, você nunca imaginaria que essa afirmação fosse verdadeira. Isso ocorre pelo fato de que, com pouquíssimas exceções, os eruditos bíblicos adventistas não têm demonstrado nenhum interesse em dedicar-se à dimensão literária das histórias bíblicas. Contudo, seria natural imaginar que tal ênfase na natureza narrativa das Escrituras não seria algo difícil para os adventistas, visto que no centro de nossa pregação reside o que denominamos de 'a *história* da redenção'. O grande conflito tem um enredo, com trama, complicação e resolução bem demarcadas. Ele também tem personagens, cujos perfis são descritos pela Bíblia com destreza e minuciosos detalhes. E apesar do modo convencional como ele é apresentado, não faltam ironias, enigmas, etc. Em outras palavras, todos os elementos de uma narrativa bem elaborada, criativa e com uma trama bem delineada se encontram no centro da proclamação adventista, e fornecem os devidos contornos a nossa teologia distintiva. Ficamos, assim, mais surpresos ainda quando observamos que o envolvimento literário com as Escrituras, além de ser raramente praticado na proclamação e teologia adventistas, é visto com suspeita. Essas atitudes não podem continuar sem ser questionadas. A investigação dos aspectos literários do texto bíblico e o potencial que eles têm para enriquecer a missão da igreja deveriam ser incorporados na formação pastoral se nossa intenção for, de fato, equipar nossos pastores para trabalharem eficientemente no contexto da cultura contemporânea.

A hermenêutica adventista do sétimo dia: A contribuição da interpretação literária

Como povo da Bíblia, os adventistas têm produzido grande quantidade de material que abordam sólidos princípios hermenêuticos. Meu propósito nesta seção é investigar as características da hermenêutica adventista, conforme explicitadas em muitas publicações oficiais da igreja e em obras de eruditos adventistas representativos. O alvo é avaliar como a igreja aborda os aspectos literários das Escrituras.

Um ponto conveniente para iniciar nossa investigação sobre a hermenêutica adventista é a Conferência Bíblica da América do Norte de 1974. Um importante e

renomado erudito que contribuiu para a área da hermenêutica bíblica nessa conferência, e por muitos anos subsequentes, foi Gerhard F. Hasel. Hasel apresentou duas comunicações, sendo a primeira a respeito de princípios gerais de interpretação bíblica.¹ Nessa apresentação, ele expôs o arcabouço fundamental de suas contribuições nessa área pelas duas décadas seguintes. Com exceção de uma breve referência sobre a natureza da poesia hebraica e sua estrutura de paralelismo,² ele não demonstrou nenhum envolvimento explícito com a dimensão literária dos textos bíblicos. Em sua segunda palestra, ele discorreu sobre um estudo de caso para ilustrar uma interpretação bíblica responsável, abrangendo uma exegese detalhada de Isaías 5:1-7.³ O interesse de Hasel pela interpretação literária foi excessivamente superficial, limitando-se a uma explicação sobre o idioma hebraico,⁴ a uma breve referência à assonância encontrada nos versos 1 a 7⁵ e à identificação de um quiasma no verso 7.⁶ Apesar dessa deficiência de tratar de forma minimamente substancial com a estética literária do poema, Hasel não deixa de concordar que o cântico de Isaías “pertence às obras-primas da literatura mundial”.⁷ Certamente ele estava com a razão, mas praticamente nada pode ser encontrado no artigo de Hasel que apoie essa conclusão. A passagem é analisada como um texto contendo informações, e o estudo de caso de Hasel estabelece as estratégias capazes de revelar que tipo de informação é essa. Contudo, ele deixou de explicar como e por que o trecho pode se enquadrar como “obra-prima da literatura mundial”.

Naturalmente, o interesse dos eruditos sobre o aspecto literário dos textos bíblicos ainda estava em seus primórdios em 1974. Por isso, as omissões de Hasel podem ser compreensíveis.⁸ No entanto, nesse ponto em especial, não temos evidência de nenhuma mudança perceptível de ênfase em publicações adventistas sobre hermenêutica nos 35 anos que se seguiram. Escrevendo em 1980, e na tentativa de ressaltar uma visão elevada sobre a autoridade das Escrituras, Hasel enfatiza ainda mais do que fizera em publicações anteriores as competências linguísticas e históricas necessárias para interpretar corretamente as Escrituras. Nessa obra, mal se pode localizar alguma palavra sobre a natureza literária da Bíblia.⁹ Novamente, em 1985, Hasel estabelece princípios e procedimentos de interpretação bíblica que, em essência, são uma repetição de conceitos já

apresentados em suas publicações anteriores.¹⁰ Há, contudo, uma breve seção sobre a necessidade de compreender o “contexto literário” de determinada passagem e como um entendimento das “convenções literárias” podem auxiliar a interpretação.¹¹ O assunto, porém, não é desenvolvido. O que é mais pertinente ao problema em questão é o fato de Hasel revelar que está consciente das abordagens literárias, apesar de aparentemente não ter uma compreensão adequada de sua abrangência e pressupostos.¹² Essas abordagens literárias, Hasel afirma, veem “a Bíblia como obra literária em mesmo pé de igualdade que qualquer outra produção literária. A questão a ser levantada é se a Bíblia se resume a mera literatura. Não seria a Bíblia algo que extrapola o conceito de literatura? Se esse for o caso – e acreditamos que seja –, será que esse conceito [da Bíblia como mera literatura] não faz com que os documentos bíblicos se tornem algo que não corresponde à intenção do escritor bíblico?”¹³

Certamente a Bíblia “extrapola o conceito de literatura” no sentido de que ela é mais do que literatura; contudo, ela não é absolutamente menos do que literatura. A Bíblia é mais do que história, mas, como Hasel e outros corretamente ressaltam, ela pode estar sujeita à análise histórica, e, de fato, deve estar. A Bíblia transcende tanto sua composição literária e artística quanto seu contexto histórico, mas ambos devem ser abordados pelo intérprete.

Trabalhos mais recentes sobre hermenêutica adventista não vão muito além dos parâmetros definidos pelos proeminentes estudos de Hasel. A declaração conclusiva sobre *Métodos de Estudo da Bíblia*,¹⁴ faz menções escassas sobre aspectos literários do texto bíblico. Há referências a tipos literários¹⁵ e estrutura literária;¹⁶ mas, dada a extensão geral do documento, espaço mínimo é dedicado a esses pontos, e a principal questão que tem que ver com a interpretação associada a aspectos literários está relacionada a como saber o momento em que um texto deve ser lido literalmente ou figurativamente. O axioma que sobressai é que se deve ler literalmente a menos que o tipo de literatura deixe evidente que esse não é o procedimento adequado. Assim, embora o propósito principal do documento seja opor-se ao uso do método histórico-crítico, a alternativa proposta não apresenta um interesse em investigar as dimensões literárias em nada melhor do que o método que o documento pretende refutar.

À medida que a hermenêutica adventista adentrou a década de 1990, há evidências de conscientização crescente a respeito de abordagens literárias do texto bíblico, mas pouca evidência de que alguma delas tenha sido adotada. Por exemplo, Richard Davidson¹⁷ estabelece uma lista abrangente de quatro *Princípios Gerais* e seis *Diretrizes Específicas* para a interpretação bíblica, que ele crê tratar-se da própria postura hermenêutica da Bíblia. Ele se mostra claramente consciente das “novas abordagens hermenêuticas fundamentadas na crítica literária”,¹⁸ e a terceira das seis diretrizes específicas que ele propõe é ‘o Contexto e a Análise Literária’. Na verdade, Davidson afirma que “as Escrituras não são simplesmente um livro de história, mas uma obra artística literária”. Além disso, ele admite “a importância de se reconhecerem essas [qualidades literárias] como parte do empreendimento hermenêutico”.¹⁹ Todavia, ele se mostra claramente cauteloso quanto a essas abordagens, pois crê que elas com frequência questionam a historicidade do texto.²⁰ O modo como ele aborda as dimensões literárias das Escrituras limita-se a uma listagem descritiva de estrutura e gêneros literários básicos (quiasma, inclusio, etc) e à informação sobre a existência de “ironias, metonímias e símiles”.²¹ No geral, suas considerações se resumem a pouco mais do que uma apreciação por alguns aspectos literários formais das Escrituras e uma aceitação de que a Bíblia contém literatura de excelente nível. Sua análise, porém, deixa de fornecer uma visão clara de como a *interpretação* literária, além das *observações* básicas sobre gênero, estrutura e metáforas, pode ser utilizada pelo exegeta adventista.²²

Richard Davidson é o responsável pela mais recente e abrangente contribuição na área de interpretação bíblica.²⁸ As diretrizes que ele propõe são, em essência, as mesmas seis *Diretrizes Específicas* apresentadas em seu artigo de 1993,²⁹ embora tenha usado, em algumas partes, termos levemente diferentes. Contudo, embora tenha repetido muito do que dissera antes, Davidson dedica mais espaço para lidar explicitamente com questões literárias. Ele escreve:

Embora boa parte dos estudos críticos modernos no geral considera a narrativa [bíblica] como ficcional, o estudante das Escrituras que aceita o relato como história factual pode se beneficiar com o exame cuidadoso de como o escritor inspirado estruturou a narrativa para enfatizar pontos cruciais. Alguns elementos narrativos básicos necessários para compreender o 'fluxo' do relato incluem: o suposto autor (ou o narrador

invisível), o suposto leitor, o ponto de vista ou perspectiva geral, a ordem dos eventos e sua inter-relação (o 'tempo narrativo'), o enredo, os personagens e suas características, o contexto e o comentário implícito ou técnicas retóricas usadas para narrar a história.³⁰

Davidson demonstra a mesma inquietude sobre as consequências de uma abordagem literária sobre a reconhecida historicidade do texto bíblico, o mesmo sendo observado em algumas outras obras adventistas. Essa é uma reação compreensível, mas, na minha opinião, em grande medida inapropriada. Davidson alega que aqueles que interpretam a forma final do texto bíblico de uma perspectiva literária frequentemente o abordam como “dissociado da história e [o considera] como obra de ficção ou mito, tendo seu próprio ‘universo imaginativo autônomo’ e não passando de ‘imitação da realidade’”.³¹ A insuficiência dessa alegação pode ser demonstrada se apenas revertermos as preocupações de Davidson com a seguinte afirmação: “As análises do texto bíblico que têm em primeiro plano questões históricas geralmente estão dissociadas da genialidade literária do texto sob análise, e estão mais preocupadas em confirmar se este ou aquele relato é historicamente viável do que explorar o poder literário das Escrituras para apelar ao coração do leitor”. As interpretações literárias não precisam ser vistas como ameaça à historicidade como um todo das Escrituras. Qualquer interpretação responsável precisa ter consciência das estratégias tanto históricas quanto literárias. O fato de analisar a arte literária de uma passagem não compromete em nada, quer positiva ou negativamente, a historicidade dos acontecimentos narrados. Eu reconheço a preocupação de Davidson ao ele afirmar que alguns intérpretes literários têm em pouca conta o valor histórico da Bíblia, mas isso tem mais que ver com as pressuposições dos intérpretes do que com a análise literária em si. Basta observar historiadores e arqueólogos que também veem a Bíblia como ‘mito’ e ‘ficção’ para percebermos que uma abordagem histórica não garante tampouco uma visão necessariamente elevada das Escrituras.

Se Davidson estiver correto, como sem dúvida está, em afirmar que o intérprete pode se beneficiar grandemente ao aplicar os métodos do criticismo narrativo, então por que o uso desses métodos é praticamente ignorado no meio acadêmico adventista? Por outro lado, quase todos os exegetas adventistas

parecem ser, *ex officio*, especialistas nos aspectos históricos e teológicos do texto.

Em síntese, esta breve análise de produções acadêmicas adventistas sobre hermenêutica bíblica revelou uma ênfase inequívoca sobre as dimensões históricas e teológicas do texto bíblico, e, ao mesmo tempo, uma relutância em lidar de modo significativo com seus aspectos literários.

Aspectos literários em recentes pesquisas no meio acadêmico adventista do sétimo dia

Na seção anterior, investiguei declarações adventistas a respeito da hermenêutica. Contudo, como anda, concretamente falando, a prática da interpretação bíblica entre os exegetas adventistas nos últimos anos? Que lugar tem sido dado às abordagens literárias em geral, e que aspectos literários em particular vêm sendo investigados?

Mesmo uma análise superficial de obras publicadas por eruditos adventistas revela que tem havido grande interesse pelo estudo da 'estrutura literária'. Na prática, esse termo se refere aos quiasmas, ou seja, ao paralelismo invertido, no qual a segunda metade da peça literária representa a imagem espelhada da primeira metade, tendo no centro o aspecto principal que se quer ressaltar, como na estrutura A:B:C:D:C':B':A'. Não cabe aqui fazer críticas a sugestões específicas. Só gostaria de chamar a atenção para a significativa quantidade de interesse demonstrado nessa área.³³ É de se estranhar, contudo, que esse grande interesse em estruturas literárias – principalmente as quiásticas – não tem estimulado muito interesse em áreas literárias mais amplas. Com efeito, essas preocupações com quiasmas podem sugerir a *razão* por que muitos intérpretes adventistas não se dedicam a investigar as sutilezas literárias dos textos. Para uma mente ocidental, com seu viés lógico e racional, um quiasma parece ser uma avaliação objetiva de uma criação literária que pode ser expressa cientificamente na forma de um diagrama, com uma precisão quase matemática. A lógica interna do texto pode ser mapeada, suas partes

constitutivas representadas de forma gráfica e proporcional, e ‘o suprasumo’ do trecho descoberto no ponto central do diagrama. É evidente que o estudioso vai encontrar quiasmas na Bíblia, embora, quem sabe, não com tanta frequência quanto alguns eruditos querem nos fazer crer. Contudo, a meu ver, a construção de diagramas quiásticos ressaltando a *forma* literária simétrica de passagens bíblicas sem qualquer aprofundamento adicional na natureza literária de seu *conteúdo* coloca em evidência mais a tendência racionalista do intérprete do que a criatividade literária do autor bíblico.

Evidências quanto ao interesse de eruditos adventistas em questões literárias que vão além da preocupação com a “estrutura literária” são definitivamente escassas. No entanto, alguns estudos revelam certas mudanças nessa área. Oestreich estuda a força da metáfora e do símile no livro de Oseias.³⁴ Sem ignorar o contexto histórico e social do livro, ele investiga a função das imagens apresentadas por Oseias recorrendo a perguntas literárias. No mesmo volume, Caesar investiga o perfil dos personagens no livro de Jó.³⁵ Mais do que isso, ele questiona algumas abordagens convencionais desse livro. Ele afirma que “é bem possível que as leituras desse texto de um ponto de vista primariamente teológico ou como história ideológica podem fazer passar despercebidas dimensões significativas do conflito que compõe a história”.³⁶ Seu estudo, portanto, “sugere como o livro de Jó poderia ser abordado em primeiro lugar como uma obra de conflito dramático, e procura valorizar com maior intensidade as descrições sutis dos personagens que tornam o conflito possível”.

De modo geral, contudo, os poucos estudos adventistas que mostram indícios de algum interesse na natureza literária de passagens bíblicas prometem mais do que de fato cumprem,³⁷ ao passo que a grande maioria praticamente nem toca no assunto.

Interpretações adventistas do sétimo dia de livros específicos

Após analisarmos o papel da interpretação literária em discussões de eruditos adventistas sobre a hermenêutica bíblica e o lugar desse tipo de interpretação no trabalho de exegetas adventistas em geral, o propósito desta seção é investigar a maneira como o meio acadêmico adventista têm estudado

dois livros específicos: Jonas e Daniel. As razões para essa escolha se devem, em primeiro lugar, ao fato de que Jonas é universalmente reconhecido como um supremo exemplo de arte narrativa hebraica, e pela vantagem de termos quatro comentários adventistas sobre esse livro. Em segundo lugar, o livro de Daniel, nos últimos anos, tem inspirado o meio acadêmico adventista mais do que qualquer outro livro, além de ele fornecer amplo material para análise.

Interpretações adventistas do sétimo dia do livro de Jonas

O primeiro estudo abrangente adventista de Jonas se encontra no *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*.³⁸ As características recorrentes nesse comentário são marcadas por uma ênfase em informações históricas e arqueológicas,³⁹ por explicações detalhadas sobre o texto,⁴⁰ por comentários teológicos ou doutrinários⁴¹ e por aplicações devocionais.⁴² Não houve tentativa de qualquer abordagem literária. Vale ressaltar, naturalmente, que o comentário foi publicado em meados da década de 1950, e escrito visando a propósitos específicos por estudiosos que, de modo geral, não tinham uma formação avançada em estudos especializados da Bíblia; por isso, o fato de evitarem essa área talvez seja compreensível. No entanto, as ênfases dadas estabeleceram o direcionamento de contribuições posteriores. Escrito duas décadas depois, o comentário de Hasel⁴³ igualmente coloca em evidência informações históricas e arqueológicas,⁴⁴ explicações de pormenores do texto,⁴⁵ comentários doutrinários/teológicos⁴⁶ e aplicações devocionais.⁴⁷ Além disso, ele demonstra o florescente interesse adventista pela “estrutura literária”.⁴⁸ Contudo, Hasel se mostra pouco interessado em explorar as dimensões literárias da narrativa.⁴⁹ Duas décadas depois dessa publicação de Hasel, Dybdahl⁵⁰ não revela nenhuma ruptura significativa. Este, como os demais, enfatiza informações históricas e arqueológicas,⁵¹ explicações de pormenores do texto,⁵² comentários doutrinários/teológicos⁵³ e aplicações devocionais.⁵⁴ Contudo, podem-se encontrar comentários ocasionais com sabor ‘literário’. Estes se concentram principalmente em descrições básicas sobre os personagens.⁵⁵

Mais recentemente, o comentário de Jo Ann Davidson⁵⁶ de fato demonstra o potencial de uma abordagem literária do livro de Jonas. Ela não faz simplesmente promessas vazias ao propor investigar a arte narrativa do livro, chegando a dedicar um capítulo para discutir algumas técnicas usadas pelos narradores hebraicos. Sem deixar de dar o devido lugar às declarações necessárias sobre historicidade⁵⁷ e à diagramação de quiasmas⁵⁸, ela explora território até o momento não desbravado por eruditos adventistas que já comentaram o livro, como o significado do diálogo, ironia, vida íntima e intertextualidade, apesar de decididamente enfatizar o significado da repetição (por exemplo, o uso de “grande”, que aparece 38 vezes [p. 45], e “mal”, dez vezes [p. 51]). A exploração dessas áreas fornece uma perspectiva mais esclarecedora sobre o caráter do profeta e realça as ironias decorrentes do envolvimento de Deus na vida humana, só para mencionar dois benefícios. Somos forçados a confrontar a teologia radical do livro, que usa sua arte literária como veículo para transmitir sua mensagem. Todavia, o comentário de Jo Ann Davidson é apenas um aperitivo ou um mergulho tímido na praia da crítica narrativa bíblica, o que revela que os intérpretes adventistas não têm nada a temer e muito a ganhar ao partir rumo à imensidão do mar de possibilidades da investigação literária.⁵⁹

Em que outros sentidos uma abordagem literária do livro de Jonas poderia ampliar nossa compreensão do livro? Dois exemplos são suficientes. Primeiramente, uma das características marcantes de Jonas é a grande quantidade de perguntas que ele contém (ver 1:6, 8, 10-11 [7x]; 2:4; 3:9; 4:2, 4, 9, 11). Fazer perguntas é uma técnica comum usada por narradores hebraicos para inserir o leitor/ouvinte na história e fazê-lo identificar-se com os personagens. O fato de Jonas mais perguntar do que pregar por si só já deveria ser um indicativo de que não estamos diante de um livro contendo simplesmente fatos históricos e teologia proposicional, mas de uma obra literária que busca provocar uma reação em seus leitores. Esse é um aspecto que merece ser considerado especialmente quando se observa que o clímax do livro é uma pergunta e não uma afirmação (4:11). O leitor fica num suspense, ponderando sobre a possível resposta à pergunta e suas implicações. Em segundo lugar, a sutileza do jogo de palavras hebraico está também presente

em todo o livro. Por exemplo, o sermão de Jonas é que [a]inda quarenta dias, e Nínive será subvertida” (Jn 3:4). Ele não poderia ter sido mais claro, pode-se pensar. Mas não é o caso! Ocorre que a palavra traduzida como “subvertida”, *hapak*, pode significar “subverter” ou “derribar” (ARC) (como no caso de Sodoma e Gomorra: Gn 19:21, 25, 29), mas também “reverter”, “tornar” ou “converter” (como em Jr 31:13, cf. Dt 23:5). Então, depois de 40 dias, Nínive seria subvertida ou mudaria de direção; em outras palavras, ela seria destruída ou convertida? Será que a profecia de Jonas se cumpriu ou não? É como se o escritor bíblico perguntasse ao leitor: Qual conotação do verbo você gostaria que Jonas estivesse usando? Esses exemplos de sofisticação literária poderiam se multiplicar, como tem sido o caso em obras que levam a sério a dimensão literária da Bíblia.⁶⁰ Contudo, pouco dessa abordagem é encontrada em publicações adventistas.

Para resumir: Se o seu desejo é ler uma defesa detalhada e documentada sobre a historicidade do livro ou se maravilhar com os complexos quiasmas, leia então os autores adventistas. Se o seu desejo é ter acesso a uma discussão estimulante de como a arte literária transmite a mensagem radical do livro, então, de modo geral, você precisará buscar outras fontes.

Interpretações adventistas do sétimo dia do livro de Daniel

Quando passamos a investigar o livro de Daniel como outro estudo de caso para verificarmos os benefícios da abordagem literária, o resultado é muito semelhante, mas o acúmulo de evidências é muito maior. A falta de espaço nos impede de fazer uma discussão detalhada, mas uma análise de certas publicações adventistas dos últimos 50 anos revela apenas algumas pequenas variações do foco de interesse do *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*.⁶¹ questões históricas e arqueológicas,⁶² explicações de pormenores exegéticos,⁶³ e uma abordagem histórica meticulosa com relação às profecias.⁶⁴ Obras posteriores geralmente não passam de variações desses mesmos temas.⁶⁵

O que, então, raramente encontramos nos estudos adventistas sobre Daniel? Três exemplos são suficientes. Em primeiro lugar, até muito

recentemente,⁷⁶ havia uma clara aversão quanto a ler o livro como uma obra literária holística ou integrada. A grande maioria dos eruditos adventistas tem se demorado nos capítulos proféticos de 7 a 12, por razões óbvias. De modo consistente, os capítulos 7-12 foram estudados a fim de defender a interpretação profética adventista tradicional, e as narrativas dos capítulos 1-6 investigadas de maneira que sua historicidade ficasse comprovada. Essa observação não é, naturalmente, absoluta, mas a tendência inegável tem sido a de ignorar o que proporciona ao livro de Daniel como um todo coerência literária. Só para mencionar um exemplo óbvio: Como o tema da perseguição dos fiéis nas narrativas dos capítulos 1-6 lança luz sobre as profecias de perseguições futuras dos capítulos 7-12? Que contribuições esse tema fornece para as tramas de cada episódio narrativo? Encontrar eruditos adventistas que minimamente investigam o assunto dessa perspectiva é quase como encontrar uma agulha no palheiro.

Em segundo lugar, Daniel usa repetidamente a ironia dramática para produzir grandes impactos. Por exemplo, o capítulo 1 vividamente estabelece o contraste entre as supostas perspectivas de Nabucodonosor e as do narrador no que diz respeito à questão de quem está no controle do sítio de Jerusalém.⁷⁷ E é exatamente esse contraste que coloca em destaque a apresentação do tema teológico que perpassa todo o livro e fundamenta as profecias: de que Deus está no controle.

Em terceiro lugar, uma compreensão da dinâmica da repetição na narrativa hebraica fornece elementos que nos ajudam na leitura do capítulo 3. Há um grande número de trechos inegavelmente repetitivos nesse capítulo por meio dos quais Nabucodonosor, o narrador e os personagens enfatizam os detalhes da ordem dada e as consequências de não se obedecer a eles (Dn 3:2-3, 5, 7, 10, 15, 27). Tais repetições soam como redundância ao ouvido ocidental. Contudo, para o ouvido hebraico, elas têm o propósito de ressaltar o fato de que aquilo que Nabucodonosor estava ordenando era precisamente o que deveria acontecer.⁷⁸ Mas, é claro, nada acontece, e a repetição acaba no momento em que fica patente a desobediência radical dos três judeus, justamente para enfatizar que são as ordens do Deus dos amigos de Daniel, e não as de Nabucodonosor, que não de prevalecer.

Em suma, a interpretação adventista do livro de Daniel tem se concentrado em dois pontos: (1) provar a historicidade do livro – e nesse ponto tocamos numa área comum a outros evangélicos conservadores – e (2) defender as interpretações adventistas sobre as profecias – um ponto cujo eco se faz ouvir quase exclusivamente em nosso próprio meio adventista. Se déssemos atenção aos aspectos literários do texto, estaríamos, no mínimo, enriquecendo as contribuições que poderíamos dar a esses dois públicos, e poderíamos até sugerir direcionamentos inovadores em pesquisas cujos resultados ampliariam o público interessado em nos ouvir.

Considerações finais

Gostaria de dar um testemunho pessoal. Depois que escolhi me especializar em Estudos Bíblicos, fiquei impressionado com algo. Por que meus estudos acadêmicos da Bíblia eram menos empolgantes do que minhas pesquisas pessoais e independentes anteriores, não importa se eu estivesse estudando num ambiente adventista ou em outro contexto? Finalmente me dei conta de qual era a razão. As questões abordadas pelos eruditos, quer da escola histórico-crítica (formalmente rejeitada nos círculos adventistas) quer da histórico-gramatical (a alternativa aceita), não eram as que me atraíam às Escrituras. O que me cativava eram as narrativas bíblicas, as parábolas de Jesus, os oráculos proféticos e as visões apocalípticas. Eles me atraíam, reconheço agora, porque se tratava de literatura da mais alta qualidade. Mas nem o método histórico-crítico nem o histórico-gramatical os investigavam dessa forma. O primeiro método (o histórico-crítico) os investigava como um morro arqueológico a ser escavado a fim de se reconstruir o contexto histórico no qual as narrativas de diferentes gêneros haviam sido escritas, editadas e evoluídas. E o último (o histórico-gramatical) exigia que as narrativas fossem “desistorizadas” para que se pudesse chegar ao alvo verdadeiro do estudo da Bíblia: teologia proposicional. Somente depois que encontrei uma abordagem literária para o estudo das Escrituras que minha alegria voltou. Mas minha alegria veio acompanhada da tristeza por constatar que esse potencial era grandemente evitado. Por exemplo, ao tecerem reflexões sobre trechos bíblicos

tão comovedores quanto Gênesis 22, o “sacrifício de Isaque”, escritores adventistas em geral perdem de vista o enredo – literal ou metaforicamente. Não é surpresa para ninguém ler eruditos adventistas discutindo essa passagem do ponto de vista devocional (Abraão como exemplo de grande fé); histórico (como era a prática do sacrifício infantil no antigo oriente próximo?); arqueológico (como eram os altares da Idade do Bronze Média construídos?); tipológico (o carneiro entre os arbustos como tipo de Cristo); geográfico (onde podemos encontrar o monte Moriá?); apologético (o texto não traz nenhuma evidência que apoie a hipótese documentária); teológico (o significado do sacrifício), ou mesmo estrutural (outro quiasma!), etc. Mas ficaríamos muito surpresos se lêssemos alguma discussão da passagem de um ponto de vista literário (por exemplo, o uso emotivo da repetição e seu lugar na trama como um todo; a contribuição da narrativa para delinear o perfil de Abraão ou de Deus como personagens do enredo; a ironia da obediência; a reação do leitor, etc.).

De certa forma, o fato de a interpretação bíblica adventista mostrar tão pouco interesse na criatividade e engenhosidade literária da Bíblia não deveria nos surpreender. Os evangélicos em geral compartilham da mesma hostilidade. Por exemplo, Longman adverte que “os eruditos, especialmente os que dentre nós possuem uma doutrina conservadora das Escrituras, devem resistir à tentação de ignorar o aspecto literário da revelação divina e de reduzir as Escrituras a história e teologia”.⁷⁹ Vanhoozer observa também que os evangélicos também têm a tendência de lidar com a Bíblia como “um livro codificado de ordenanças teológicas”.⁸⁰ Minha avaliação é que essas observações por parte de eruditos evangélicos também se aplicam à tradição evangélica adventista. Contudo, o fato de não sermos os únicos não deveria ser uma desculpa para continuarmos nossos estudos segundo o mesmo paradigma do passado. Guy, em sua instigante obra *Thinking Theologically* [Pensando Teologicamente], e comentando sobre a influente obra de Thompson sobre inspiração bíblica – que defende a ideia de que as Escrituras devem ser abordadas mais como um ‘livro de casos’ do que um ‘livro de códigos’,⁸¹ observa o seguinte: “Embora a abordagem da Bíblia como ‘livro de casos’ seja um importante avanço em relação à da Bíblia como ‘livro de códigos’, é possível que ela não dê ênfase suficiente à função essencialmente narrativa das Escrituras,

que se assemelham mais a um 'livro de histórias' do que qualquer outra coisa".⁸² Estou plenamente de acordo com Guy. E a partir do momento em que esse aspecto for reconhecido, tornar-se-á uma necessidade introduzir a sensibilidade literária na interpretação bíblica adventista. Se deixarmos de considerar a criatividade literária nas Escrituras, é menos provável que venhamos a usar tal criatividade ao aplicarmos as Escrituras à teologia da igreja, à sua imissão e adoração.⁸³

Alguns objetam que leituras de um ponto de vista literário podem estar fundamentadas em pressuposições que vão de encontro a conceitos adventistas sobre as Escrituras. Isso é verdade. Mas o mesmo é verdade a respeito das pressuposições de muitos historiadores e teólogos envolvidos com estudos acadêmicos da Bíblia.⁸⁵ Se é possível que os estudiosos adventistas utilizem pressuposições históricas e teológicas *apropriadas* na investigação das Escrituras – fato aceito por todos –, portanto deve ser também possível usar pressuposições literárias *apropriadas*. Não é o objetivo deste capítulo dedicar-se à análise e avaliação da história da teoria literária. Meu alvo é muito mais modesto do que esse: o que desejo é encorajar os especialistas adventistas em estudos da Bíblia a abraçar a dimensão literária das Escrituras. Quando isso acontecer, poderemos então começar a discutir sobre quais seriam os contornos apropriados de uma hermenêutica literária adventista. Trata-se de uma discussão que nos colocaria numa longa jornada; mas no momento, essa viagem mal começou.

Implicações para a missão da igreja

Que benefícios teríamos se adotássemos essa sensibilidade literária? Primeiramente, ela iria estimular nossa criatividade em diversas áreas. Por exemplo, ela estimularia a originalidade em nossas pregações. A pregação adventista, quando de fato se fundamenta na Bíblia, é predominantemente temática e doutrinária. Não é algo ruim em si mesmo, mas, na minha opinião, a balança está desproporcionalmente pendida para esse lado. Pregações expositivas que exploram a engenhosidade literária de uma passagem bíblica e colocam em ação a criatividade do pregador, para aplicá-la a situações da vida

real, renderiam ricos dividendos. Elas também incentivariam mais pregação dialógica, pois uma narrativa bíblica incita uma reação do público sem que se forneça sempre a resposta. Não cabe aos pregadores tolher a natureza inacabada e aberta da revelação bíblica.

Em segundo lugar, a consciência da amplitude da engenhosidade e criatividade literária da Bíblia nos encorajaria a nos relacionar com nossa sociedade de diversas maneiras além da pregação propriamente dita. A aplicação das artes criativas na tarefa evangelística e no cuidado pastoral não tem sido satisfatória. O fato de nós abirmos os olhos para o aspecto literário da Bíblia, com seu apelo à estética, poderia nos mostrar que Deus se relaciona conosco por meio dos sentidos e não apenas do intelecto. Como Ryken nos lembra, “Deus nos confiou a *literatura* como meio de transmitir a verdade”.⁸⁶

Em terceiro lugar, já está bem documentado que nosso mundo contemporâneo – seja ela chamado de pós-moderno ou de qualquer outro nome – é mais susceptível a narrativas do que a “verdades expressas em forma de proposições”. É possível expressar a fé adventista por meio de narrativas? A proclamação adventista é intensamente ‘moderna’, ao passo que nossa sociedade é cada vez menos. Então, não é nada surpreendente que grandes segmentos da sociedade ocidental nem mesmo parem para nos ouvir. A maneira como apresentamos a Bíblia (de forma proposicional, com uma teologia sintética) não representa o modo como a Bíblia, de modo geral, se apresenta (ou seja, por meio de narrativas, poemas e assim por diante). Todavia, o próprio modo discursivo da Bíblia corresponde, cada vez mais, à maneira como nossa sociedade contemporânea funciona. Temos aqui claras implicações missiológicas.

Em quarto lugar, o fato de adotarmos as dimensões literárias da Bíblia nos capacitaria a confirmar seu valor espiritual. Na realidade, há uma conexão entre a valorização da estética nas Escrituras e o cultivo da espiritualidade do leitor. Deus nos deu uma Bíblia caracterizada por histórias, poemas, visões, etc. Uma apreciação da sutileza e beleza literária das Escrituras pode alimentar a alma de

maneiras que abstrações explicadas com mais logicidade ou reconstruções históricas deixam de lado.

Meu argumento aqui não é nenhum conceito da última moda, nascido numa era ateuista, como Martinho Lutero deixa claro:

Estou convencido de que, sem o conhecimento da literatura, a pura teologia não pode absolutamente perdurar [...]. Certamente, meu desejo é que haja o maior número possível de poetas e mestres em retórica, pois vejo que, por meio desses estudos, que superam a todos os demais, as pessoas são belamente qualificadas para apreender a verdade sagrada e manejá-la com habilidade e prazer. [...] Portanto, eu rogo que vocês, atendendo a meu pedido (se este tiver algum peso), insistam que os jovens, sob o cuidado de vocês, sejam diligentes no estudo da poesia e da retórica.⁸⁷

Da mesma forma, as habilidades literárias e retóricas deveriam estar na vanguarda da interpretação bíblica adventista e suas aplicações. A missão adventista ao mundo deveria apresentar as Escrituras como literatura artística e criativa pelo simples fato de que foi assim que boa parte dela foi escrita.

Notas e Referências

¹ Gerhard F. Hasel, "Principles of Biblical Interpretation", in: *A Symposium on Biblical Hermeneutics*, ed. Gordon M. Hyde (Washington DC: Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 1974), p. 163-193.

²*Ibid.*, p. 179-180.

³ Gerhard F. Hasel, "'The Song of the Vineyard': A Case Study in Biblical Interpretation", in: *North American Bible Conference Handbook*, ed. Gordon M. Hyde (Washington DC: Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 1974), p. 1-18 [Os artigos não possuem números de páginas consecutivos].

⁴ Por exemplo, "filho de azeite", *Ibid.*, p. 5.

⁵ *Ibid.*, p. 5, 13.

⁶ *Ibid.*, p. 12.

⁷ *Ibid.*, p. 14, citando um fonte sem referência.

⁸ No entanto, o impacto do discurso histórico de James Muilenburg à Sociedade de Literatura Bíblica, da qual era presidente, "Form, Criticism and Beyond", *Journal of Biblical Literature* 88 (1969), p. 1-18, já estava sendo sentido nos círculos acadêmicos.

⁹ Gerhard F. Hasel, *Understanding the Living Word of God* (Nampa ID: Pacific Press Pub. Association, 1980). Como da vez anterior, o autor menciona a importância de compreender línguas, palavras, sentenças, etc., mas isso não chega ser uma preocupação literária. Um leitor teria que ter as competências de Hasel para entender

um manual autodidata escrito numa língua estrangeira. De qualquer forma, mesmo se o pudesse, a leitura não poderia ser definida como uma experiência *literária*.

¹⁰Gerhard F. Hasel, *Biblical Interpretation Today* (Washington DC: Biblical Research Inst, 1985).

¹¹*Ibid.*, p. 107.

¹²*Ibid.*, p. 116. Certamente não é verdade, como as palavras de Hasel parecem deixar implícito, que todas as abordagens literárias da Bíblia necessariamente implica um desejo de rejeitar a historicidade do texto.

¹³*Ibid.*, p. 122.

¹⁴"Methods of Bible Study", votado no Concílio Anual de 1986 e divulgado em diversas publicações, como, por exemplo, *Ministry* (abril de 1987), p. 22-24.

¹⁵"passagens [poéticas] que fazem uso de imagens não devem ser interpretadas da mesma forma que a prosa." *Ministry* (abril de 1987), p. 23.

¹⁶"A estrutura literária de um livro é com frequência um auxílio para sua interpretação. A natureza paralela das profecias de Daniel é um exemplo." *Ministry* (abril de 1987), p. 24.

¹⁷Richard M. Davidson, "Interpreting Scripture: An Hermeneutical 'Decalogue'", *Journal of the Adventist Theological Society* 4 (1993), p. 95-114.

¹⁸*Ibid.*, p. 96.

¹⁹*Ibid.*, p. 103.

²⁰*Ibid.*

²¹*Ibid.*, p. 104-105.

²²As mesmas características se encontram na obra muito útil, apesar dessas limitações, de Lee J. Gugliotto, *Handbook for Bible Study: A Guide to Understanding, Teaching, and Preaching the Word of God* (Hagerstown, MD: Review & Herald Publishing, 2000).

²⁸Richard M. Davidson, "Biblical Interpretation", in: *Handbook of Seventh-day Adventist Theology* (Hagerstown MD: Review and Herald, 2000), p. 58-104.

²⁹*Ibid.*, p. 95-114.

³⁰*Ibid.*, p. 75.

³¹*Ibid.*, p. 93.

³³Literalmente, dezenas de exemplos poderiam ser dados. Os citados são apenas representativos. A maioria dos autores sugerem estruturas quiásticas. alguns definem formas estruturais paralelas de diferentes tipos: Richard M. Davidson, "The Literary Structure of the Song of Songs Redivivus", *Journal of the Adventist Theological Society* 14, no. Fall (2003), p. 44-65; Jacques B. Doukhan, *Daniel: The Vision of the End* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1987); Jacques B. Doukhan, "The Center of the Aqedah: A Study of the Literary Structure of Genesis 22:1-19", *Andrews University Seminary Studies* 31 (1993), p. 17-28; Jon Paulien, *John: Jesus Gives Life to a New Generation* (Boise, ID: Pacific Press Publishing Association, 1995), p. 39, 68; Angel M. Rodriguez, "Leviticus 16: Its Literary Structure", *Andrews University Seminary Studies* 34 (1996), p. 269-286; William H Shea, "The Literary Structure of Leviticus 1-6", in: *Creation, Life, and Hope: Essays in Honor of Jacques B. Doukhan* (Berrien Springs, MI: Departamento de Antigo Testamento, Seminário Teológico da Universidade Andrews, 2000), p. 83-100.

³⁴Bernhard Oestreich, "Absurd Similes for Israel in the Book of Hosea," in: *Creation, Life, and Hope: Essays in Honor of Jacques B. Doukhan*, ed. Jiri Moskala (Berrien Springs, MI: Departamento de Antigo Testamento, Seminário Teológico da Universidade Andrews, 2000), p. 101-126.

³⁵Lael C. Caesar, "Bildad, Superior Rhetorician", in: *Creation, Life, and Hope: Essays in Honor of Jacques B. Doukhan*, ed. Jiri Moskala (Berrien Springs, MI: Departamento de Antigo Testamento, Seminário Teológico da Universidade Andrews, 2000), p. 127-138.

³⁶*Ibid.*, p. 127.

³⁷Por exemplo, Ron du Preez, "Epics & Ethics: Vital Biblical Principles for Interpreting Scripture *Stories*", *Journal of the Adventist Theological Society* 10 (1999), p. 107-140.

³⁸F. D. Nichol, ed., "Jonah", in: *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 4 (Washington DC:Review and Herald, 1955), p. 995-1007.

³⁹Por exemplo, uma extensa nota adicional sobre a história e arqueologia de Nínive(p. 1000-1001, no original).

⁴⁰Por exemplo, a planta que cobriu Jonas (4:6) era provavelmente a planta do óleo de rícino(p. 1007, no original).

⁴¹Por exemplo, os comentários de Jonas em 2:6 não devem ser entendidos como querendo dizer que ele não cria na futura ressurreição dos mortos (p. 1003-1004, no original).

⁴² Por exemplo, temos o privilégio de termos condições de orar em qualquer situação, da mesma forma que Jonas orou dentro do peixe (p. 1003, no original).

⁴³Gerhard F Hasel, *Jonah: Messenger of the Eleventh Hour* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1976).

⁴⁴Uma preocupação especial de Hasel, maior do que a apresentada pelo *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* é a de estabelecer a veracidade histórica do texto. Isso explica as repetidas declarações de que Jonas é um relato histórico e não meramente uma alegoria ou parábola (p. 25, 31, 47).

⁴⁵Por exemplo, a forma plural "mares" em 2: 3 transmite a ideia do oceano ilimitado (p. 36).

⁴⁶Por exemplo, o arrependimento de Deus em 3:10 não é o mesmo que o arrependimento humano (p. 65).

⁴⁷ Por exemplo, assim como Jonas, o cristão está frequentemente preocupado com seu próprio "eu" (p. 76).

⁴⁸ Por exemplo, Jonas 1:4-16 estruturado de forma quiástica e tem como centro a pregação de Jonas em 1:9 (p. 16).

⁴⁹ Um exemplo isolado de um interesse superficial é sua observação a respeito da repetição do verbo "dispor-se" ou "levantar-se" em 1:2ss (p. 19). O uso sutil da repetição é um elemento chave na arte narrativa hebraica, mas Hebrew não desenvolve o significado desse recurso.

⁵⁰Jon L. Dybdahl, *Hosea-Micah: A Call to Radical Reform*, The Abundant Life Bible Amplifier (Boise, ID: Pacific Press, 1996). A seção sobre Jonas vai da página 155-185.

⁵¹Por exemplo, informações sobre os palácios de Senaqueribe em Nínive (p. 165). Dybdahl está também preocupado com a historicidade do livro, mas com menos dogmatismo do que o *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* ou Hasel (por exemplo, p. 159).

⁵²Por exemplo, a tradução de 1:2 - é a "malícia" ou a "calamidade" que subiu até Deus? (p. 164)?

⁵³, Por exemplo, Dybdahl lê o livro de uma perspectiva definitivamente missiológica, e crê que a missão é o tema principal do livro (p. 158, 160, 168, 173); a natureza da profecia condicional (p. 178).

⁵⁴Dybdahl inclui algumas dessas aplicações em seu comentário, mas devemos levar em conta que o objetivo da série é estimular leitores leigos a aplicar por sim mesmos o texto; é por essa razão que há blocos importantes de perguntas em todo o comentário ("Aplicando a Palavra), cujo alvo é mostrar a relevância do texto para a vida cristã.

⁵⁵ Por exemplo, o autor apresenta uma lista de contrastes entre Jonas e os marinheiros pagãos que pode ser classificada como uma descrição elementar dos personagens (p. 166).

⁵⁶*Jo Ann Davidson, Jonah: The Inside Story: Wrestling with the God of Second Chances* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2003).

⁵⁷p. 9-20. Para uma breve reflexão que aceita a historicidade básica do livro, apesar de se mostrar surpreendentemente moderado sobre essa questão, ver Ed Christian, "The Shocking Message of Jonah", *Spectrum* 31, Autumn (2003), p. 26-29.

⁵⁸p. 26-31. Escrita em painel [panel writing] é também explicada (p. 32-33).

⁵⁹ Vale ressaltar aqui os estudos nitidamente literários de Ernst Wendland, "Recursion and Variation in the 'Prophecy' of Jonah: On the Rhetorical Impact of Stylistic Technique in Hebrew Narrative Discourse, with Special Reference to Irony and Enigma: Part I", *Andrews University Seminary Studies* 35 (1997): 67-98; Part II, 35 (1997), p. 189-209;

Part III, 36 (1998), p. 81-110. Wendland, contudo, é um erudito luterano; portanto, seus estudos não refletem uma tendência dentro do adventismo.

⁶⁰Para exemplos representativos de produções acadêmicas recentes, ver Phyllis Tribble, *Rhetorical Criticism: Context, Method, and the Book of Jonah* (Minneapolis: Fortress Press, 1994); James Limburg, *Jonah: A Commentary*, Old Testament Library (Louisville: Westminster/John Knox, 1993); David M Gunn and Danna Nolan Fewell, *Narrative in the Hebrew Bible* (Oxford: Oxford University Press, 1993).

⁶¹F. D. Nichol, ed., "Daniel", in: *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 4 (Washington DC: Review and Herald, 1955), p. 743-881.

⁶²Por exemplo, paralelos históricos relacionados com a conversão de Nabucodonosor (p. 788, no original).

⁶³ Por exemplo, o significado de "o que foi me tem escapado" (ARC), in 2:5 (p. 767, no original).

⁶⁴Ver, por exemplo, a quantidade desproporcional de espaço dedicado à sequência de impérios nas profecias do capítulo 2 (p. 772-776, no original) e capítulo 7 (p. 819-838, no original).

⁶⁵Por exemplo, William H. Shea, *Daniel 1-7: Prophecy as History*, The Abundant Life Bible Amplifier (Boise, ID: Pacific Press, 1996); Zdravko Stefanovic, *Daniel: Wisdom for the Wise: Commentary on the Book of Daniel* (Nampa, ID: Pacific Press Pub. Association, 2007). Uma das poucas exceções é Jacques Doukhan, "The Seventy Weeks of Daniel 9: An Exegetical Study", (reimpresso do periódico *Andrews University Seminary Studies* 17 (1979), p. 1-22), in: Arnold V. Wallenkampf e W. Richard Leshner, eds., *The Sanctuary and the Atonement: Biblical, Historical, and Theological Studies* (Washington DC: Review and Herald, 1981), p. 251-276. Embora não se trate de um estudo inteiramente literário, ele definitivamente possui vantagens literárias em relação aos outros autores. A contribuição de Doukhan possivelmente é a mais criativa do volume. Ver também William H. Shea, "Poetic Relations of the Time Periods in Daniel 9:25", p. 277-282, no mesmo volume. Shea tenta fazer uma análise poética das setenta semanas. Contudo, o estudo se limita apenas a estruturas formais (como métrica e a composição dos côlons [versos]). Nenhum dos dois aborda os capítulos narrativos de Daniel 1-6. Há também três exceções parciais a essa regra geral em teses de doutorados defendidas no Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia da Universidade Andrews. Como era de se esperar, todas foram orientadas por Jacques Doukhan: Paul Birch Petersen, "The Theology and the Function of the Prayers in the Book of Daniel" (Tese de Doutorado [PhD], Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, UA, 1998); Winfried Vogel, "The Cultic Motif in Space and Time in the Book of Daniel" (Tese de Doutorado [ThD], Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, UA, 1999). Ambos os trabalhos mostram uma consciência acerca de questões literárias, mas não chegam a desenvolvê-las. Martin Probstle, "Truth and Terror: A Text-Oriented Analysis of Daniel 8:9-14" (Tese de Doutorado [PhD], Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, UA, 2006). Esse trabalho inclui seções que lidam com algumas questões literárias. É animador deparar-se com pesquisas adventistas que não apenas afirmam que "os textos constituem obras de arte (p. 435), mas que, em alguma medida, se dedica a investigar o estilo, a estrutura e a intertextualidade da passagem bíblica. É desnecessário dizer, mas nenhum desses trabalhos adotam uma postura crítica em relação às narrativas bíblicas.

⁷⁶ Ver Petersen, "Theology and Function".

⁷⁷Danna Nolan Fewell, *Circle of Sovereignty: A Story of Stories in Daniel 1-6* (Sheffield: Almond Press, 1988), p. 34-35.

⁷⁸*Ibid.*, p. 66.

⁷⁹*Tremper Longman*, Literary Approaches to Biblical Interpretation, *Foundations of Contemporary Interpretation* v.3 (Grand Rapids, MI: Academie Books, 1987), p. 152.

⁸⁰Kevin J. Vanhoozer, "Exploring the World, Following the Word: The Credibility of Evangelical Theology, In: An Incredulous Age", *Trinity Journal* 16, no. 1 (Spring 1995), p. 14.

⁸¹Alden Thompson, *Inspiration: Hard Questions, Honest Answers* (Hagerstown, MD: Review & Herald Pub. Assn, 1991).

⁸²Fritz Guy, *Thinking Theologically: Adventist Christianity and the Interpretation of Faith* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1999), p. 91 n. 83.

⁸³Cf. Fritz Guy, que sugere que uma teologia adventista moderna contextualizada deveria ser, entre outras coisas, "*criativa*", reconhecendo não apenas a legitimidade mas também o valor de explorar novas compreensões e aplicações das Escrituras, e olhando para suas múltiplas interpretações como potencialmente complementares em vez de contraditórias" (Ibid., p. 235).

⁸⁴Richard M. Davidson, "Interpreting Scripture", p. 104-105.

⁸⁵Para avaliações radicalmente pessimistas sobre o valor histórico da Bíblia, ver, por exemplo, Philip R. Davies, *In Search of Ancient Israel* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995); Niels Peter Lemche, *The Israelites in History and Tradition* (Louisville KY: Westminster John Knox Press, 1998).

⁸⁶Leland Ryken, "The Bible as literature. Pt 1, "Words of Delight": The Bible as Literature," *Bibliotheca Sacra* 147, no. 585 (janeiro de 1990) p. 11.

⁸⁷Smith and Charles M. Jacobs, eds., *Luther's Correspondence*, vol. 2 (Philadelphia: United Lutheran Publication House, 1918), p. 176., citado por David J. A. Clines, "Story and Poem: The Old Testament as Literature and as Scripture", in: *Interpretation* 34, p. 115.

Tradução: Neumar de Lima/abril de 2016